

# UMA DIFICULDADE DA PSICANÁLISE

Começarei por dizer que não me refiro a uma dificuldade intelectual, a qualquer coisa que torne a psicanálise inacessível à inteligência daqueles a quem ela se destina (auditor ou leitor), mas a uma dificuldade afectiva, a alguma coisa pela qual a psicanálise aliena a simpatia do auditor ou do leitor e que o torna menos inclinado a conceder-lhe crédito e interêsse. Como se pode ver, estas duas dificuldades levam ao mesmo resultado. Quem não experimenta simpatia por uma coisa, já não a sabe compreender tão facilmente.

Em atenção ao meu leitor, que imagino ser um profano, vejo-me forçado a retomar as coisas de mais atrás. Em psicanálise, e em consequência dum grande número de observações e de impressões isoladas, chegou a edificar-se alguma coisa como uma teoria, conhecida pelo nome de «teoria da libido». A psicanálise aplica-se, como se sabe, a compreender e a curar perturbações chamadas perturbações nervosas. Para atacar êste problema, era preciso encontrar um ponto abordável, e decidiu-se procurá-lo na vida instintiva do espírito. Assim, algumas hipóteses relativas à vida instintiva do homem, tornaram-se a base da nossa concepção das nevroses.

A psicologia, tal como é ensinada nas nossas escolas, quando a interrogamos sobre os problemas da vida psíquica não nos dá senão respostas muito pouco satisfatórias. Mas não há domínio em que as informações que nos fornece sejam tão precárias como é o domínio dos instintos.

Compete-nos ver aqui como encontrar uma primeira orientação. A concepção popular distingue a fome e o amor e vê nêles as representações de instintos que tendem, por um lado, à conservação do individuo, e por outro lado, à sua reprodução. Por nossa vez, adoptando esta distinção que parece absolutamente natural, separamos também em psicanálise os instintos de conservação,

ou do *eu*, dos instintos sexuais, e chamamos à força com que o instinto sexual se manifesta na vida psíquica, *libido*, isto é, desejo sexual, vendo nela alguma coisa de análogo à fome, à vontade de poderio, etc., no seio dos instintos do *eu*.

Pôsto isto, fazemos sobre êste terreno a nossa primeira descoberta importante. Descobrimos que, para compreender as doenças nervosas, é preciso atribuir uma grande importância aos instintos sexuais, que as nevroses são, por assim dizer, as doenças específicas da função sexual. Vemos ainda que o facto de um individuo ser ou não ser atacado duma nevrose, depende da quantidade da libido e da possibilidade de a satisfazer. Compreendemos que a forma da doença é determinada pela maneira como o individuo efectuou a evolução da sua função sexual ou, como nós dizemos, pelas fixações que a sua libido sofreu no decurso desta evolução. E uma certa técnica que nós possuímos e que não é das mais simples, técnica pela qual exercemos sobre o doente uma influência psíquica, permite-nos ao mesmo tempo elucidar e fazer retroceder muitas espécies de nevroses. O nosso esforço terapêutico obtem os maiores sucessos numa certa classe de nevroses: as que proveem do conflito entre os instintos do *eu* e os instintos sexuais. Porque, no homem, sucede que as exigências dos instintos sexuais, que ultrapassam muito a individualidade, parecem-lhe um perigo que ameaça a sua própria conservação ou a estima que se deve a si mesmo. Então o *eu* põe-se na defensiva, recusa aos instintos sexuais a satisfação que êles desejam e obriga-os a uma destas derivações para uma satisfação substitutiva que se manifesta sob a forma de sintomas nervosos.

A teoria psicanalítica consegue submeter a uma revisão o *processus* de recalçamento e dar a êste conflito uma saída melhor, compatível com a saúde. Adversários incom-